

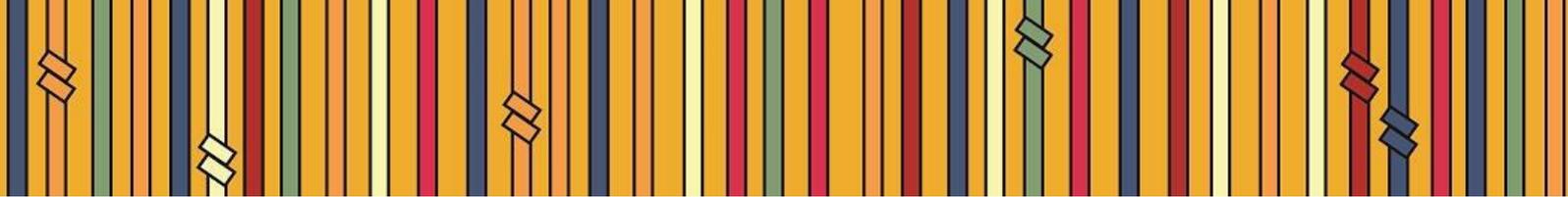
AQUARIUS, KLÉBER MENDONÇA FILHO E A MORTE DA CRÍTICA

Thiago Blumenthal (UPM)¹

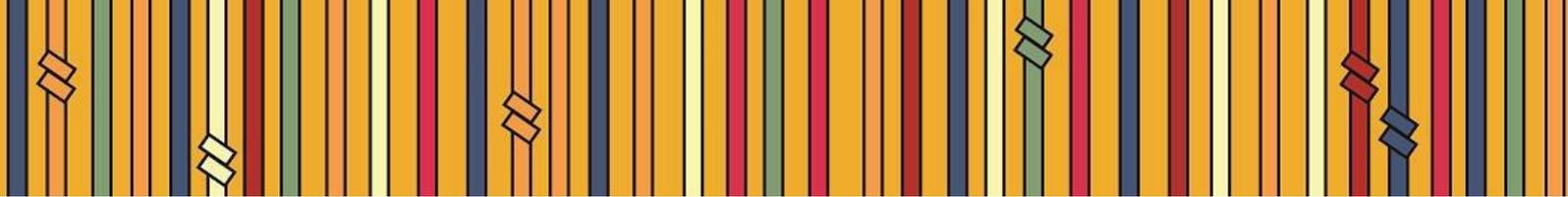
Resumo: O longa-metragem *Aquarius*, realizado pelo diretor Kleber Mendonça Filho, lançado em território nacional em setembro de 2016, suscitou mesmo antes de sua estreia inúmeras questões, por conta de sua relação com o período político pelo qual o Brasil está passando, entre a crise econômica, os supostos escândalos de pedaladas fiscais do poder executivo e o decorrente processo de impeachment que deflagrou a então presidenta Dilma Rousseff. Em meio a tudo isso, o filme foi lançado e imediatamente uma leitura política passou a ser vinculada por parte da crítica e do público, inclusive por parte do próprio diretor da fita, que publicamente associa a história de Clara, a protagonista vivida pela atriz Sônia Braga, ao movimento de resistência política que estamos todos fazendo parte. Busca-se, então, neste trabalho, analisar *Aquarius* dentro desse contexto em relação à sua crítica, a do calor da hora, e aos seus mecanismos de divulgação dentro do mercado cinematográfico brasileiro, de recepção problemática e de curto tiro e curto impacto. Mais do que isso, e principalmente, a observação da arquitetura da obra, na construção de suas três partes, focadas na personagem de Clara, e em relação com o seu meio, ajudará a empreender uma discussão melhor formulada se o longa-metragem é de fato um filme político ou trata, em suas margens sutis, ainda que perigosas, como as ondas de Boa Viagem, de política. Em uma perspectiva histórica de crítica, faremos um levantamento de outros artistas ao longo da história que também assumiram o front de debater as ideias, a interpretação e mesmo a qualidade de suas próprias obras, como um elemento interno-externo (*an importer-exporter*, na visão cômica de um George Costanza). Parece-nos importante esse tipo de análise hoje pois é não mais incomum o artista – seja ele na forma de um escritor, plástico, cineasta, música ou áreas afins – que também exerce de algum modo oficial ou extraoficialmente um papel crítico, como resenhista de jornal, como acadêmico, como pesquisador, como professor universitário, como editor que precisa lidar com a apreciação e posterior edição do produto da arte. Tal é o caso de Mendonça Filho, que no momento da inscrição deste trabalho mantém um cargo de curadoria junto ao Instituto Moreira Salles. Em termos de visada teórica, buscaremos nos ancorar em uma perspectiva um tanto quanto distópica e “intempestiva” do fazer crítico, guiando-nos em especial pelas reflexões mais recentes de Leyla Perrone-Moisés e do francês Antoine Compagnon, além, é claro, como espirra no lastro da análise aqui proposta, de toda a crítica ao mesmo tempo diluída, fragmentada (mas concretizada) dos jornais e das redes sociais – nesse último caso, o recente livro *The Death of Expertise*, de Tom Nichols.

Palavras-chave: Kléber Mendonça Filho; *Aquarius*; Crítica Contemporânea; Cinema Brasileiro.

¹ Doutorado bolsista MackPesquisa em Letras (UPM). Contato: blumenthal.thiago@gmail.com.



O longa-metragem *Aquarius*, realizado pelo diretor Kleber Mendonça Filho, lançado em território nacional em setembro de 2016, suscitou mesmo antes de sua estreia inúmeras questões, por conta de sua relação com o período político pelo qual o Brasil está passando, entre a crise econômica, os supostos escândalos de pedaladas fiscais do poder executivo e o decorrente processo de impeachment que deflagrou a então presidenta Dilma Rousseff. Em meio a tudo isso, o filme foi lançado e imediatamente uma leitura política passou a ser vinculada por parte da crítica e do público, inclusive por parte do próprio diretor da fita, que publicamente associa a história de Clara, a protagonista vivida pela atriz Sônia Braga, ao movimento de resistência política que estamos todos fazendo parte. Busca-se, então, neste trabalho, analisar *Aquarius* dentro desse contexto em relação à sua crítica, a do calor da hora, e aos seus mecanismos de divulgação dentro do mercado cinematográfico brasileiro, de recepção problemática e de curto tiro e curto impacto. Mais do que isso, e principalmente, a observação da arquitetura da obra, na construção de suas três partes, focadas na personagem de Clara, e em relação com o seu meio, ajudará a empreender uma discussão melhor formulada se o longa-metragem é de fato um filme político ou trata, em suas margens sutis, ainda que perigosas, como as ondas de Boa Viagem, de política. Em uma perspectiva histórica de crítica, faremos um levantamento de outros artistas ao longo da história que também assumiram o front de debater as ideias, a interpretação e mesmo a qualidade de suas próprias obras, como um elemento interno-externo. Parece-me importante esse tipo de análise hoje pois é não mais incomum o artista – seja ele na forma de um escritor, plástico, cineasta, música ou áreas afins – que também exerce de algum modo oficial ou extraoficialmente um papel crítico, como resenhista de jornal, como acadêmico, como pesquisador, como professor universitário, como editor que precisa lidar com a apreciação e posterior edição do produto da arte. Tal é o caso de Mendonça Filho, que no momento da inscrição deste trabalho mantém um cargo de curadoria junto ao Instituto Moreira Salles. Em termos de visada teórica, busco me ancorar em uma perspectiva um tanto quanto distópica e “intempestiva” do fazer crítico, guiando-me pelas reflexões do francês Antoine Compagnon, além, é claro, como espinha no lastro da análise aqui proposta, de toda a crítica ao mesmo tempo diluída, fragmentada (mas concretizada) dos jornais e das redes sociais – nesse último caso, o recente livro *The Death of Expertise*, de Tom Nichols.

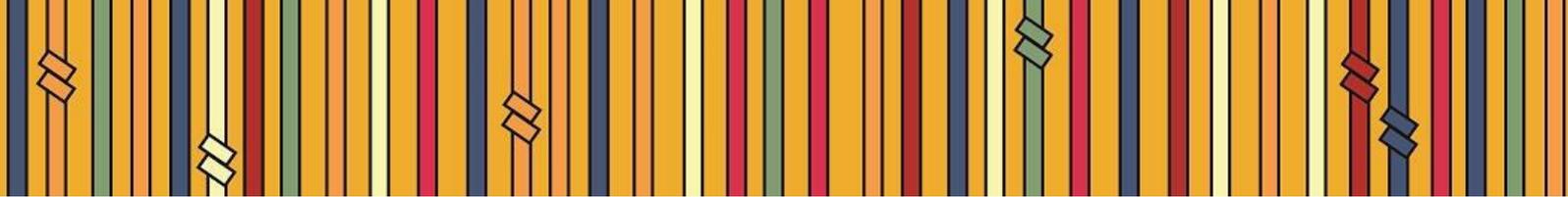


Tenho me interessado bastante por um assunto um pouco distante das nossas mais caras ilusões, fantasias, aventuras e amores. Um dos traços desse distanciamento, a meu ver, corresponde ao tipo de leitura de um sujeito e eu tenho lido basicamente muita teoria, biografia, química, neurologia, história da medicina, e pouquíssima ficção. Talvez a vida adulta responda por muito desse comportamento, quase atávico, talvez um novo modo de pensar a vida e vivê-la. Aos 36 anos já não me prescrevo autorização alguma a consumir entretenimento barato ou ficção que não valha a pena. Pouco ganhamos com a literatura, em um sentido mais estrito e sob o exigente filtro da contemporaneidade, de modo que os meus interesses apontam a diversos campos um pouco mais técnicos, e um deles é justamente o da recepção crítica dessa arte toda que estamos a consumir, voluntária ou involuntariamente. Um assunto e uma proposta que podem ser melhor exploradas em futuros textos – e que aqui desdubro.

Essa breve apresentação poderia estender-se a questões como a do papel do intelectual hoje, das razões de estarmos lendo mais não ficção do que ficção (há estatísticas? Se há, valem para o Brasil? Bem, o que vale para o Brasil, terra cujo único paradigma é a pouca leitura...), e do papel predominante da internet e das redes sociais no mar diário de informações, mas o recorte que faço é um pouco mais peculiar e diz respeito ao artista que também é crítico, e, mais, crítico de sua própria arte. Sinto que vivemos em um momento propício a rompantes um tanto quanto exagerados de arte, de apreciação artística e, mais, da conjunção desses dois núcleos, e não há como observar esse fenômeno dos tempos sob uma ótica pessimista.

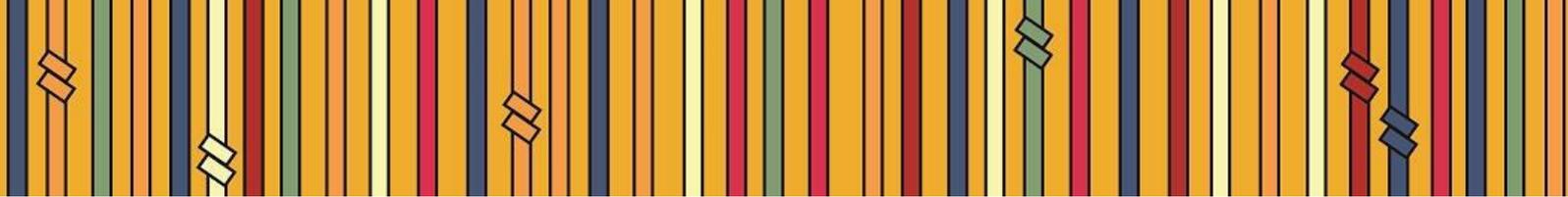
Um exemplo recente, e bastante popular, a cuja obra e repercussão boa parte da população brasileira teve acesso, é o do cineasta Kleber Mendonça Filho. Não me cabe o papel de crítico de cinema para avaliar seu *Aquarius*, longa-metragem que deu o que falar no ano passado depois da manifestação que o diretor e a equipe fizeram em Cannes, a respeito do processo de impeachment, então em andamento, e que chamavam de “golpe”, uma palavra que hoje já parece cair em desuso. Não importa. O que quero tratar aqui é que Mendonça representa muito bem essa figura *mezzo* artista *mezzo* crítico, posto que ele também foi resenhista de cinema em Pernambuco – em tempo, hoje Mendonça é coordenador de cinema do Instituto Moreira Salles.

Realizado pelo diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho, a obra terminou por repercutir um fechamento de ciclo social e um movimento de passagem para uma



nova era de esfera econômica, após 13 anos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e um traumático processo de impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Mendonça, que considerou o impeachment um golpe de estado, manifestou-se na première de sua fita no festival de Cannes, fato esse que repercutiu na imprensa mundial, principalmente na brasileira, claro. Houve críticas à sua demonstração de apoio à presidenta, houve quem o apoiasse, e o jogo político, que sai dos bastidores de Brasília e ganha as ruas como em toda democracia, tinha dado suas cartas. A quem não havia visto o filme, a saber, a população brasileira (pois o filme ainda não havia estreado por aqui), restava a dúvida: trata-se de uma produção com um fundo político? Um ato de resistência? Uma obra com marcas metafóricas a alertar para tempos de trevas que estamos e estaremos por viver? Bem, uma obra não pode ser tomada ou interpretada, sequer opinada, a partir de cartazes erguidos por uma equipe de cinema. Se há um cinema-manifesto, ele precisa ser transposto através de sua própria apreciação crítica e estética, não sobre o que se fala sobre ele. Bem, eis o paradoxo e o caso singular de *Aquarius*, pelo menos neste momento, a apenas um mês de seu lançamento no Brasil.

Aquarius, em um enredo brevíssimo, conta a saga de Clara em três atos, em sua luta para permanecer em seu apartamento no edifício homônimo ao filme. Com apenas dois andares, o prédio construído na segunda metade do século passado foi totalmente desabitado, com todos os poucos apartamentos vendidos à construtora que pretende demoli-lo e construir um novo empreendimento no local, processo este típico aliás, da cidade do Recife, do bairro de Boa Viagem, onde se passa a obra, e de outras tantas metrópoles, Brasil e mundo afora – o que podemos chamar de gentrificação. Clara, interpretada por Sônia Braga, é a única que se recusou a vender seu apartamento. Não sai dali nem por decreto, nem pela maior oferta que lhe fizeram: está apegada demais às suas memórias, àquele espaço onde passou boa parte de sua vida. E Clara é orgulhosa. Ao longo de todo o filme, portanto, acompanhamos Clara em constante conflito com a construtora para ali permanecer, em circunstâncias que beiram o surreal e o horror, tema este que é muito caro a Mendonça (que me parece influenciado por Polanski e Lynch, em especial – algo que o diretor já havia experimentado com *O Som ao Redor* e alguns de seus curtas-metragens), enquanto outras tramas paralelas ligadas à sua família e



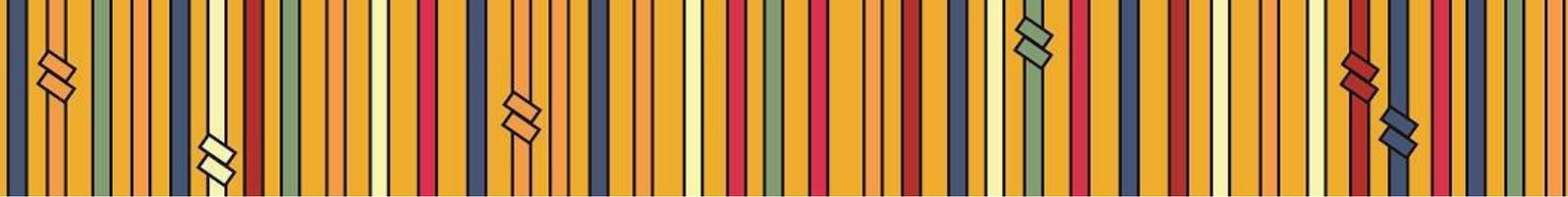
amigos próximos compõem o quadro narrativo e ajudam a amarrar suas histórias, seus laços e suas motivações.

Há, em toda discussão sobre arte, um debate sobre se uma obra é política ou se trata de um tema político. Uma obra defende uma ideologia ou uma obra apresenta determinada ideologia, sem necessariamente defendê-la? Tanto no cinema como na literatura os casos são inúmeros, como *The Birth of a Nation*, *Tropa de Elite*, *Os Miseráveis*, *Os Sertões*, alguns casos de análise mais difícil, onde um autor interpõe sua ideologia, como *Triunfo do Desejo*, e outros em que a voz do autor se apresenta mais distante, como *As Benevolentes*.

Bem, *Aquarius* toca o político pelas beiradas e de maneira sutil. Há ali o problema da especulação imobiliária, os pequenos poderes, os grandes poderes, o quarto poder (a imprensa, que atua como deus ex machina a resolver o quebra-cabeça), o conflito de classes na relação de certa complacência com a vassalagem, o crime a assumir suas feições no micro e no macrocosmo da metrópole corroendo o sistema por dentro. Está tudo ali, enfim, mas sob um olhar, a meu ver, cuidadoso e acertado da lente do diretor, sem um caráter panfletário. Mesmo a trilha sonora, valendo-se de canções que variam entre momentos de uma esquerda nostálgica perdida (Taiguara em um segundo momento) a uma direita alienada (Roberto Carlos), dá o tom para que Clara caminhe por esses caminhos políticos com a leveza necessária sem levantar cartaz algum. Se há algo que é jogado aos ares, para quem viu ao filme, são os cupins, em um ato catártico que representa essas relações todas que estão sendo carcomidas por dentro sem nos darmos conta.

Entretanto, *Aquarius* tornou-se mais do que um filme, tornou-se um objeto de discussão, inclusive para parte da sociedade que não assistiu ao mesmo – há até quem o tenha boicotado, seja na imprensa ou em redes sociais. Certamente não é a primeira vez que isso acontece, tampouco no Brasil (Glauber Rocha e sua obra também suscitou debates parecidos, e, mais recentemente, José Padilha, com seu *Tropa de Elite*), e idem no mundo. Lembremos também d’*Os Versos Satânicos*, de Salman Rushdie, apenas para ficar em exemplos mais recentes. Outros virão e *la nave va*, como dizem os italianos.

Muito dessa extrapolação da obra ao que gira em torno da mesma (ainda que erroneamente) partiu e ainda parte do próprio diretor, Mendonça, em entrevistas



públicas a jornais e em declarações em sua página pessoal em uma rede social, no caso, o Facebook. Parece-me que o diretor assumiu a postura, não só de um levante político a favor de X ou Y, o que seria perfeitamente razoável (afinal, todo artista pode manifestar suas opiniões políticas, e tantos momentos históricos já mostraram a importância desse ato, como no caso de Zola com Dreyfus, no *J'Accuse*), mas de um exegeta de seu próprio filme.

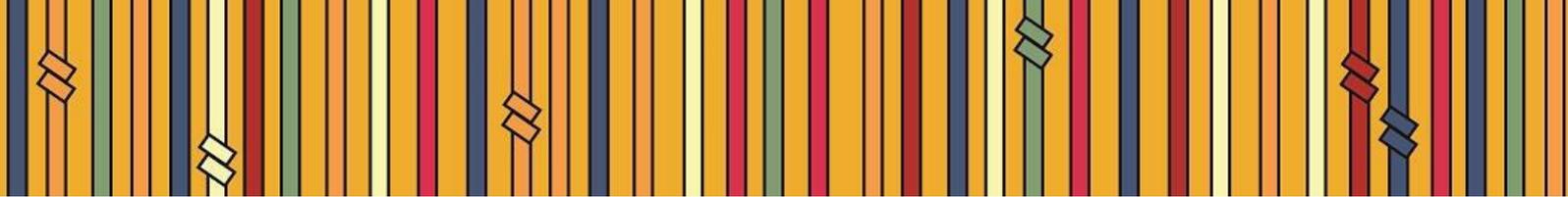
Quando o realizador afirma, por exemplo, e este é o caso mais ilustrativo do que pretendo provar nesta breve apresentação, que Clara é Dilma Rousseff no filme, em uma entrevista ao jornal Folha de S.Paulo, há alguns pontos importantes a serem considerados aqui, e de diferentes esferas, sobre as quais tratarei para encerrar a análise: o papel autoral frente a seu público; as relações e estratégias de marketing para divulgar determinada obra; a contraprova da análise feita por Mendonça; e, por fim, o mistério que gira em torno de Mendonça.

Não sei se foi em resposta a uma metáfora bastante torpe e vaga de parte da esquerda que enxergou na personagem algo de uma mulher sendo deposta de seu próprio espaço conquistado democraticamente. Há certos tipos de interpretação que deveriam ser taxados pelo governo golpista de Temer, a meu ver. Já que é pra ser golpista, que apelemos.

A crítica literária, dos corredores da FFLCH aos rincões das federais Brasil afora, por vezes me parece pouco séria em seu propósito. Há de tudo por aí. Nada contra. Pelo contrário, sou um sujeito progressista. O caso é que Mendonça, infelizmente, parece ter caído nessa armadilha. O que raios Dilma tem a ver com Clara? Enfim, contudo, como dizem por aí, “tudo é político”, e toquemos a vida.

Sintomático, contudo, é o próprio artista falando de sua própria obra. Como autor, fica complicado tirar-lhe a legitimidade de seu discurso e de sua argumentação. Fui eu que escrevi isso aqui, oras. Mais: o artista tem a chancela da imprensa, que replica e repercute tudo o que diz, de modo a orientar o próprio olhar do espectador para onde bem entender (ou leitor, ou telespectador, ou o que quer que seja).

Faz parte do jogo, evidente. Só pondero que há nesse circuito o risco de empobrecer tanto a própria obra quanto o próprio fazer crítico: a obra demanda explicação, como a piada mal contada, e a crítica dispensa, por assim dizer, o



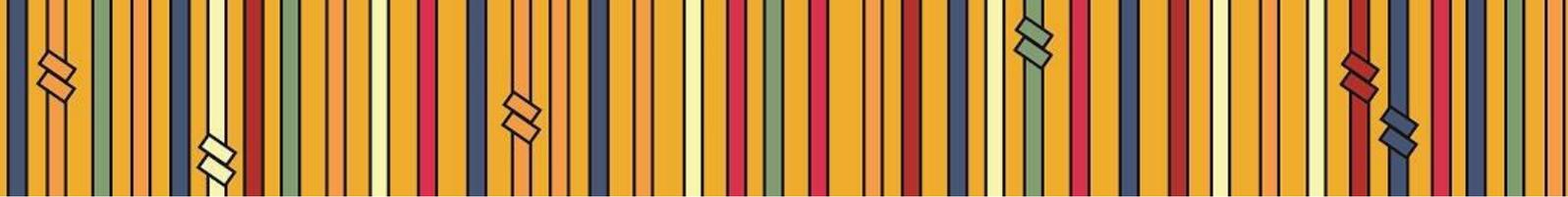
especialista, pois se é o autor quem diz, poxa, quem poderá contradizê-lo? A crítica assim se encontra contra a parede.

As redes sociais parecem ter exponenciado esse processo, uma vez que é lá que os autores ganham voz e podem falar de suas próprias obras, e compartilhar também os links que bem lhe cabem compartilhar a seus seguidores. Talvez sempre tenha sido assim, apenas os meios mudaram, o que geraria uma enorme e interessante discussão que pode ficar para outro momento. Ao mesmo tempo, há um paradoxo, pois quando há tantas opiniões saltando na nossa tela, a opinião que mais importa (seja ela do próprio autor, ou a do especialista) recebe o mesmo peso na hierarquia de informações do nosso Facebook pessoal.

No excelente livro *The Death of Expertise* (Oxford University Press, março de 2017), o crítico e professor Tom Nichols mostra como dados do tipo “Google” são cada vez mais relevantes não somente para o leitor médio, mas também para o próprio especialista. Há um drama geracional que não necessariamente será resolvido. Penso comigo que a questão da consciência, o “hard problem”, perpassa por esse território de informações que não mais serão filtradas por uma “consciência” que podemos chamar de nossa. Somos um outro etc etc.

O mistério de Mendonça reside nas águas perigosas de Boa Viagem. Enquanto seu filme é sutil ao contar a história de Clara, ao expor suas brechas políticas, seus traumas, seus dramas, sua vida e sua memória, suas declarações e avaliações interpretativas sobre a sua própria obra me parecem perigosas e colocam em xeque a apreciação crítica de *Aquarius* por vir e que somente um distanciamento histórico poderá concretizar e canonizar ou não. Ainda fico na dúvida se Mendonça é um ilusionista às avessas, por assim dizer, ao cuidar de ressignificar e confundir ainda mais sua própria obra com tais declarações. É um caso que somente o tempo poderá nos revelar.

Ao cabo, pego-me pensando em todos essas questões e me sinto tão longe de tudo, tão indiferente ao mundo, e talvez mesmo indiferente a mim mesmo. Como Kafka, o que eu tenho a ver com os judeus, mas que pergunta, mal tenho eu algo a ver comigo mesmo e já me boto por contente se estiver respirando em algum canto sozinho da sala. Então, que tenho eu a ver com os artistas, com os críticos, com Kleber Mendonça Filho? Não que eu tenha morrido, ou estivesse próximo de, mas não me envolver mais em



nenhuma história, em nenhuma intriga amorosa ou caso indecoroso que me colocasse em risco ou sob a custódia do medo, bota a gente comovido como o diabo e tem um quê de morte.

Referências bibliográficas

NICHOLS, Tom. *The Death of Expertise*. Oxford: Oxford University Press, 2017.